

# a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:  
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga  
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:  
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00  
ANO III

MELGAÇO, 1 de Março de 1949

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
N.º 20

## NA MANHÃ

### DA VITÓRIA

Já lá vão alguns dias passados sobre o acto eleitoral.

A Família portuguesa encontrou-se claramente dividida, por cerca de quarenta dias. A luta criou paixões, acirrou ódios, explodiu labaredas de rancor. Mas tudo passou. Cremos que tudo devia passar.

Nas grandes lutas de desporto, costumam os capitães cumprimentar-se perante o público.

Nestes prélios, em que nos batemos pelos destinos da Pátria e em que todos nós pusemos o melhor do nosso ardente patriotismo, entusiasmo fervente de latinos e a paixão ardorosa dum combate travado frente a frente, também não pode haver ódios, rancores, vinganças.

Mas cremos que tudo devia passar.

Gostamos de paz entre a nossa boa família portuguesa, tão hospitaleira, tão nobre e gentil.

Esqueçamos divergências de opinião, posições de combate, ardores de campanha. E vamos continuar o nosso trabalho.

Que entre vencedores e vencidos não tenhamos a lamentar ódios, rancor, perseguição, lutas.

Todos cabemos nesta linda casa lusitana.

Há no entanto lições a colher e aliás muito proveitosas, da campanha que passou.

Levantaram se vozes autorizadas a censurar alguma coisa que é preciso corrigir, custe o que custar.

«A Voz de Melgaço» continua no seu posto: — Não serve partidos. Mas tem uma paixão: — servir a Deus, a Pátria e a sua Terra.

No meio da campanha, levantou a sua voz e parece-nos que o fez com dignidade e elevação, lembrando se daquilo do nos-

(Continua na 3.ª pág.)

### Dr. Júlio Outeiro Esteves

Desde a primeira hora esteve sempre a nosso lado o Sr. Dr. Júlio Outeiro Esteves que neste jornal ocupava os cargos de Editor e Chefe da Redacção.

No começo deste ano apresentou-nos Sua Ex.cia várias razões, e todas ligadas do maior respeito para quem dirige um jornal, que lhe impunham o seu pedido de demissão dos cargos que ocupava. A todas as razões sobrepunha a da doença, que, a seu tempo o obrigaria também, a deixar a U. N. e a Provedoria do Hospital.

E pena que assim aconteça. Todos os melgacenses conhecem o Dr. Júlio Outeiro Esteves e, porque o conhecem, vê-lo afastar-se de lugares importantes é motivo de tristeza.

Nós também a sentimos, porque tivemos sempre nele um grande amigo.

Melgaço necessita de todos, sobretudo nesta hora em que o mundo vai atravessar fases de revolução quer ideológica, quer política, quer social.

Melgaço precisa, ainda de todos, e todos unidos, porque ainda há pouco me dizia o bem conhecido na nossa terra Major Amadeu César Lopes que Melgaço não tem progredido.

Não queremos deixar de testemunhar ao Dr. Júlio Outeiro Esteves a nossa gratidão pelo sacrifício que fez em estar conosco e fazemos votos por que a saúde venha bem depressa dar-lhe força para estar, de novo, na primeira fila.

JÚLIO VAZ

## REGIONALISMO

Exceletíssimo Senhor Presidente

Num momento que bem se pode classificar de histórico na vida da Nação, vai V. Ex.ª encetar a sua governança administrativa em terras melgacenses. Pesado e inglório fardo acaba de tomar sobre os ombros, regionalista e patrioticamente; quem vem de novo é justo que alguma coisa de novo se espere também. E o concelho de Melgaço, o mais longínquo do nosso extremo norte, tem vivido alheio a tanto desenvolvimento e melhoramento que se tem espalhado aos quatro cantos do Paiz!

Porquê? Sabe-se lá porquê? Não nos parece lógica a continuidade de se

Carta aberta ao excelentíssimo

Senhor Presidente da Câmara

viver á sombra do passado, proclamando o gesto de Inez, a Negra, falando da beleza da paisagem, das termas e dos costumes cascrejos, do convento de Fiães e da poesia do Rio Minho, do cruzeiro da Orada sobranceiro ao mesmo, enfim de coisas de que se fala muito, á falta de assunto mais importante e mais oportuno. Precisamos de alguma coisa mais, Senhor Presidente! Precisamos dum acto que marque na vida concelhia dum nova época, dum reforma absoluta no comércio, na industria e na

agricultura, como nos usos e costumes.

E esse elemento, porque há longos anos o Povo melgacense vem esperando, é nem mais nem menos que o

CAMINHO DE FERRO PARA MELGAÇO

Tudo que se fizer será sempre bem recebido, pequeno ou grande, e representará o trabalho, acção e vontade e gratidão de quem recebe. Mas Melgaço, se em caminho de ferro—não tenhamos ideias peregrinas—será sempre uma terra que não podera ocupar o lugar a que tem jus, demonstrado como está axiomáticamente que o desenvolvimento dum região é função integral de transporte e da sua rede de comunicações.

Se V. Ex.ª — Senhor Presidente — tiver a machada de folhear os números desta modesta tribuna regionalista que é a «Voz de Melgaço», notará que

(Continua na 3.ª página)

### Presidente da Câmara

No próximo dia cinco do mês de Março, toma posse da Presidencia da Câmara de Melgaço o muito digno Notário deste concelho, Sr. Dr. Carlos Rocha, e da Vice-Presidencia o Sr. Professor Manuel de Pinho.

«A VOZ DE MELGAÇO» estará presente a esse acto de grande transcendência regional e certamente que ali se encontrarão presentes todos os melgacenses que o possam fazer, pois se trata de dois já ilustres filhos desta nossa linda terra.

Honra nesse dia, e mais uma vez, o nosso concelho, S. u a Exc.ª o Sr. Governador Civil do Distrito, conferindo a posse aos Srs. Dr. Carlos Rocha e Profesor Manuel de Pinho.

Aos Senhores Dr. Elísio Pimenta e Luís Monteiro que tomaram conta da nossa edilidade, numa época, em que era difícil vencer, tantas as peias que então existiam;— fim de guerra, intervenção energica na economia regional, de organismos

quase independentes, duza de processos de agentes de brigadas, etc. etc., aqui deixamos a expressão sincera do nosso agradecimento de melgacenses.

Aos Srs. Dr. Rocha e Professor Pinho, que também estremeçam e vivem todas as alegrias e tristezas da nossa linda terra, que a amam com paixão, as nossas homenagens e a promessa sincera de que o nosso jornal dentro do seu programa, estará sempre com Suas Excelencias na marcha que agora se vai iniciar.

Sabemos que o Sr. Dr. Rocha tem em Lisboa junto da Presidencia do Conselho e em vários departamentos officiais grandes amigos e nesta hora, em que o Governo comparticipa tão larga e generosamente as obras de interesse regional ou nacional, Melgaço entrará em franco progresso.

Assim o cremos e o esperamos.

Tudo nos merece a Nossa Terra!

### Bombeiros Voluntários de Melgaço

Espera-se para breve uma larga comparticipação, de centenas de contos, para a futura casa dos Bombeiros Voluntários de Melgaço. É esta uma noticia que vem encher de contentamento todos os amigos daquela Corporação. A' illustre Direcção e a todos os que interveem nesta larga comparticipação, os nossos parabens. E não podemos esquecer o governo da Nação, sem cujo auxilio e ajuda pouco poderíamos fazer.

# PELA NOSSA TERRA...

## DA VILA E ALDEIAS

### PELA VILA E CONCELHO

Como noticiamos em a nossa penúltima crónica, desde o dia 15 do corrente que já se pode pescar com redes no rio Minho. Acontece, porém, que devido à insuficiência de chuvas, o rio leva um caudal tão reduzido como se estivessemos em plena canícula, motivo este que traz os nossos pescadores desanimadíssimos; muitos ainda se não estrearam.

No passado dia 12, faleceu no lugar de Galvão, a sra. Clarice Monteiro, casada, de 27 anos, filha da sra. Maria do Carmo Tabuas. Deixou um filhinho de tenra idade de na orfanidade.

O seu funeral constituiu uma verdadeira manifestação de pesar e sentimento, tendo-se nele incorporado muitíssimas pessoas das diversas categorias sociais.

Também no dia 14, faleceu no Hospital da Misericórdia a sra. Filomena Meixeiro que contava 70 anos de idade.

Que o Senhor as haja recolhido em Seu bendito seio e os nossos sentimentos pesames às respectivas famílias enlutadas.

Em 17 do corrente, completou vinte anos de existência o nosso prezado colega local «Notícias de Melgaço».

Para assinalar a passagem do seu 20.º aniversário publicou um vistoso número com cuidada e lúida colaboração. «A Voz de Melgaço» associou-se à festa daquele semanário e deseja-lhe as maiores prosperidades.

Acaba de passar o seu estabelecimento comercial «Bon Marche» situado na vizinha freguesia de Prado, ao sr. Cláudio de Sousa Lobato, da referida freguesia, o sr. Cândido Augusto Esteves.

Também pelo nosso estimado clínico desta vila sr. dr. António Cândido Esteves, foi adquirida a conhecida «Quinta do Convento» ao sr. José Augusto da Cunha.

Esteve concorridíssimo o mercado semanal de 19 do corrente. Os preços dos principais géneros expostos eram os seguintes:

Milho, alqueire (30 litros) 67\$00; centeio, idem 84\$00, feijão branco meio quarto (5 litros) 15\$00; feijão mistura, idem 12\$00; feijão frade, idem 10\$00; batatas para consumo, quilo 2\$00; batatas para semente, idem 2\$00; galinhas, 20\$00; frangos, 10, 12 e 15\$00; ovos, dúzia 7\$50; laranjas, idem 2\$50; nozes, cento 8\$00; castanhas, quilo 2\$50; chicharro, quilo 4\$00.

Achamos todos os preços razoáveis excepto o milho e as batatas.

O milho, se quem vende não meter travões, lá para o S. João, certamente, teremos que pagar a 100\$00 o alqueire, ou mais.

Quanto às batatas o preço destas é, por assim dizer, abusivo. Não se compreende como sendo aqui em Melgaço um centro produtor, as tenhamos que pagar muito mais caras do que, por exemplo, em Lisboa ou Porto.

É preciso que tudo se faça com conta, peso e medida...

Foi a Lisboa e já regressou o nosso estimado amigo e assinante sr. Alípio Gonçalves, de Prado.

Também para Lourenço Marques, onde se vai juntar a seu pai, partiu ontem o sr. Viriato Gomes de Sousa, da referida freguesia de Prado, ao qual desejamos boa viagem e um futuro muito venturoso.

Para concluir, lembramos, a quem estas coisas possam interessar, que em Março faz-se declaração dos prédios acabados de construir, modificados ou melhorados; os que tenham a pagar contribuição industrial grupo C, os empregados sujeitos ao imposto profissional, e os que exerçam profissões liberais também devem fazer, neste mês, as respectivas declarações.

Lembramos ainda que é agora uma ótima ocasião, especialmente no crescente da lua (dia 8), para se semearem: abóboras, alfaces, couves diversas, incluindo repolhos, couve flor e bróculos, ervilhas, feijões, pimentos, tomates, salsa etc. Planta-se batatas e acaba-se com a plantação de árvores de

fruto e estacas para portos enxertos e para pé franco. Cavam-se as vinhas e no minguate (dia 21) deitam-se galinhas.

Se ouvires tropejar em Março, semeia no alto e no baixo.

Pelo Ministério do Interior e por intermédio da Direcção Geral de Assistência, acaba de ser concedido à Irmandade da nossa Santa Casa da Misericórdia o subsídio de Esc. 35.000\$ (35 contos); dadas as muitas necessidades daquela instituição, não é muito; mas nada, ainda era muito menos. Bem hajam, pois.

Em Cubalhão foi a enterrar o menino Justino Meleiro, de 15 anos de idade.

Em todas as freguesias do Concelho se realizaram votos de desagravo a N. Senhora de Fátima, com procissões ou horas santas, pelos insultos, de que recentemente foi alvo a Padroeira de Portugal.

De Melgaço foram muitos fiéis ao Semeiro, além da Delegação da Câmara.

Já se encontram concluídas as obras da estrada, junto ao Senhor do Carvalho de Lobo, próximo desta vila.

Partiu para o Brasil, a tratar de negócios de casa, o nosso particular amigo e assinante, sr. Gaspar, de Galvão.

Desejamos que tenha boa viagem.

Tem estado gravemente enfermos os srs. P. es Manuel José Rodrigues, e António José Rodrigues, que já se encontram quase restabelecidos.

Foi inaugurada, há dias, nas Poldras da Cela, junto à ponte, nos limites da freguesia da Gave, uma fábrica de serração de madeiras.

Para transporte das mesmas, foi adquirida uma boa caminheta «Austin» de grande tonelagem, pelo Sr. Albano Afonso, nosso preñado assinante, e outros sócios.

Durante cerca de 20 dias, esteve entre nós, o sr. Engenheiro Mário Leitão, Director Técnico das Minas da Aguieira.

Já ali se encontram a

trabalhar diariamente 17 homens, esperando-se que dentro em pouco sejam umas boas centegas.

No hospital, durante este mes houve:

Consultas, 130; Curativos, 350; entradas de doentes, 21; saídas, 20; falecimentos, 3.

Esteve muito concorrido em todo o concelho o acto eleitoral do dia 13, tendo o sr. Marechal Carmona obtido aqui 79 oje de votos.

Vai entrar brevemente em serviço uma nova caminheta «Ford», que muito contribuirá para a comodidade dos passageiros das 8,40 da manhã e 19 horas, de Melgaço a Monção.

### Parada do Monte, 23

Está-se fazendo sentir uma grande estiagem, vendo-se mal os nossos lavradores para sustentar os seus gados, pois que as pastagens estão secas. Ervas não há, os palheiros estão vãos, e assim estão os nosos lavradores atravessando uma grande crise.

Nascimentos. — Deu à luz uma menina a Sra. Maria Pires, esposa do Sr. Mário Esteves, do lugar da Lurgateira. Também deu à luz uma menina a Sra. Rosa Pires, esposa do Sr. José Pires, do lugar da Trigueira.

Falecimentos. — Faleceram a Sra. Claudina Pereira, do lugar do Casal, o Sr. Justino Esteves Baldosa, do lugar da Trigueira, e a sra. Maria Esteves, do lugar do Paço. Casaram o Sr. Sérgio Evangelista da Cunha com a Sra. Pura Rodrigues, esta do lugar do Paço, e ele do lugar do Tablado. — C.

### Rouças, 22

Devido ao «aguaceiro», tivemos de parar um bocadinho com as nossas correspondências, do que pedimos desculpa aos nossos queridos leitores, que certamente serão apenas os filhos desta

linda freguesia, em labuta por essas terras além. Vamos continuar agora.

No Fecho, faleceu, há dias, a mãe do nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Alves, muito digno comerciante e de seu irmão Dodão Alves. O seu funeral foi muito concorrido.

Nos primeiros dias do corrente, partiu para o Brasil, o sr. António Rodrigues, dos Pêrses, aqui muito considerado, pelas suas belas qualidades de coração.

Desejamos-lhe boa viagem.

Vão acabando por aí os serões que neste ano, deram que falar, não faltando o guizado costume: — umas cabecinhas partidas.

Foi muito concorrido o acto eleitoral do passado dia 13.

No dia 20, subiu pela primeira vez a Santa Rita, a linda imagem da Nossa Senhora de Fátima. Foi uma procissão de desagravo e tomaram parte activa muitos fiéis desta freguesia.

O sr. Oliveira Salgado, nosso estimado assinante, está a embelezar, consideravelmente os fundos do lugar de Surribas, dando trabalho a bastantes trabalhadores. Por sua iniciativa e com o concurso dos vizinhos, está a ser construído, no mesmo lugar de Surribas, um tanque lavadouro, para utilidade do lugar.

Pela guarda republicana, foi hoje preso o filho mais novo da sr.ª Virginia, de Cabreiros.

No passado domingo, dia 20, esteve em Santa Rita, o Sr. Engenheiro Mário Leitão, que veio estudar «in loco» a planta da futura capela-igreja de Santa Rita. Estes trabalhos vão já adiantados e em breve será exposta nas montras da nossa vila uma cópia desta mesma planta.

A festa de Cavaleiros a Nossa Senhora das Dores está marcada para o dia 19 de Junho do ano corrente.

Os habitantes do lugar de Paço estão muito animados com a perspectiva da futura captação de águas para o seu lugar, que no verão quase não tem que dar a beber aos animais.

Foram ultimamente para Lisboa muitos rapazes desta terra.

Ontem, dia 21, con-

tinua na 4.ª página)

# Na manhã da vitória REGIONALISMO

(Continuação da 1.ª página)

so povo: — «quem te avisa, teu amigo é».

Há positivamente coisas, dentro deste regime, que é preciso corrigir. Apontámo-las claramente, no artigo «Nós e as eleições».

Na manhã da vitória, mantemos todos os nossos pontos de vista e por eles continuamos a terçar armas.

E temos ainda a convicção sincera de que alguma coisa de novo se vai passar.

Mas há outros aspectos que devemos ter em conta.

Vamos a factos: Em certa alheia do nosso concelho pedia esmola um pobre por ali já conhecido. (Era nas vésperas do dia 13).

Aproximou-se duma casa e levantou a sua voz magoada, a lembrar a sua presença.

De casa, em virtude de trabalhos urgentes, não acudiram logo. E essa mesma voz, há bocadinho suplicante, regouga atrevida: — deixa estar, que depois do dia 13, nós é que havemos de dar esmolal.

Mais outro facto: — Na estrada. Uma pobre mulher leva à cabeça um embrulho.

Olha, diz para a companheira, olha agora é que vem aí uma lei muito boa.

— Quê, responde interessada a companheira, que dizes?

— Agora vai ficar tudo igual; vamos ser todos iguais!

E só mais este para acabar:

Um caseiro. Tinha encontrado pelo caminho um daqueles prospectos de propaganda que falava do comunismo.

— Resposta dele: — não! Isto não o queremos.

— Atalha, firme a mulher: — não? Tu que dizes, palerma?

Mortes, não. Assassínios, não; mas ficarmos todos iguais, isso, é que era bom!

Comentários? — Não os queríamos fazer.

«A Voz de Melgaço» continua a defender ardorosamente dentro da sua pobreza honrada o aumento de nível de vida.

Ao grito do comunismo: — todos proletários, respondemos com a Igreja: — Todos proprietários.

É preciso levantarmos rapidamente, tanto quanto possível, o nível de vida da nossa gente.

E à gente boa da nossa

terra que tão facilmente se pode deixar cair no engano, levemos-lhe a boa doutrina, a palavra que não engana, de Deus, da Igreja e aquele bem-estar a que neste século de tanto progresso tem direito.

\* \* \*

Vamos terminar. Do jornal «A Voz de Domingo», de Leiria, vamos transcrever alguns períodos. Oicam:

«De Itália, da França, de Tânger, da Checoslováquia veio dinheiro em barba. Veio armamento. (Refere-se á propaganda comunista).

Na Suíça, a polícia aprendeu 171.000 contos em moeda portuguesa, que estava para vir para Portugal, para os agitadores comunistas.

Em Madrid estão apreendidas barras de ouro que vinham com o mesmo destino.

Nas águas territoriais portuguesas do Algarve, apanhou-se um barco estrangeiro carregado de armamento para a revolução social comunista.

\* \* \*

Não! O comunismo não é o papão.

Acordemos todos. Trabalhemos todos: — Ricos, proprietários, Governo, pobres.

Demos ao capital o destino que lhe pertence sobretudo trabalho bem remunerado. Criem-se as obras sociais que estão na justa ânsia daqueles que estudam as maiores conquistas da humanidade.

Corra por toda a nossa linda Pátria a seiva ardente do amor entre irmãos.

E vamos para diante.

**Loduvina Martins**  
Dentista

Consultas em Monção, todas as Sextas e Sábados.

**Assine a «A Voz de Melgaço»**

há mais de um ano a esta parte, tem aparecido, periodicamente — qual D. Quixote, sem lança — mas cheio de fé, combativo como sempre, nacionalista e português, um modesto escrevinhador de coisas, encarando de frente o problema ora exposto, porque conhece a Região, as suas necessidades e o seu valor económico, lembrando, e sugerindo, sempre a bem do Concelho, a resolução do problema ferroviário, o problema número um. Voz clamando no deserto, que importa? Não pode porém dizer-se a manhã que não houve quem lembrasse, falasse, gritasse, passando o termo. Esse homem, a exprimir, não contra moídos de vento, mas a favor de realidades palpáveis duma terra, somos nós, como diria o Poeta e «como todos bacharel formado!» Não nos move senão o interesse regionalista e do Povo, mas do Povo compreendido no sentido humanitário e fraterno — e não numa ideologia de propaganda política liberal. Esclareçam-se os campos evitando confusões.

Contudo, apesar de termos sido o primeiro a iniciar a luta, sabemos apenas que a Edilidade que V. Ex.ª ora vai dirigir, trocou um ofício com quem de direito. Não nos arrependemos de vir maçar V. Ex.ª, porque somos melgacenses pelo coração e alto-minhotos por nascimento e somos daqueles que defendemos que a nossa terra, é todo este Miúdo que se estende desde Braga a S. Gregório, desde Espozende até para os contrafortes da Serra da Cabreira. Sentimos porisso o pulsar do coração e das necessidades da terra em que nascemos. Também sabemos que se nos pode argumentar com o facto das execuções obedecerem a planos bienais, trienais, etc.. Isso não obsta que quizessemos ver actividade e união, vindo, se possível fosse, a esta Lisboa, em massa, em representação das forças de toda a parte e lembrar a essa gente tão cheia de admiração, de carinho e dedicação que nos administra que, nas horas de maré alta de patriotismo, como nas de esperança, Melgaço é de Carmo e Salazar, do Estado Novo e da Pátria.

Em 15 de Novembro do ano findo, chegava a primeira locomotiva a Arco de Baúlhe, no prolongamento da linha do Vale do Tâmega; mais perto ainda, o caminho de ferro entre Portalegre e Cabeço de Vide. Não nos podem restar dúvidas que, embora na era de sacrifício enorme que se atravessa, não se pensa apenas no apetrachamento ferroviário do País em material rolante e estabilidade e conservação da via, não se vem descurando por parte de quem nos governa — por mer.ê de Deus e Nossa Senhora de Fátima — o prolongamento dos troços ferroviários.

As vantagens, os princípios, o valor económico de tal melhoramento e empresa, não os voltaremos a repetir como já fizemos em artigos anteriores, porque as necessidades de ontem, são inegavelmente as de hoje.

Continuação da 1.ª página

Continuamos a afirmar que a ocasião era talvez única para Melgaço que não pode continuar a ser um concelho de fronteira — vivendo a vida que os caracteriza — beneficiando uma mínima parte com prejuízo absoluto de colectivo.

Senhor Presidente! Já por demais v'nos tirando tempo a V. Ex.ª, mas creia que no pedido que lhe formulamos, está connosco a massa con-

celhia, trabalhadora e honrada, essa que se verga de sol a sol na seara escaldante, tirando à terra ubérrima o nosso pão sagrado de cada dia. Esperamos de V. Ex.ª a relevação da nossa ousadia presente e a boa vontade que o Vosso antecessor sempre manifestou Praza a Deus que seja V. Ex.ª o «homem feliz» a quem esteja reservado pelas forças ocultas do Destino e sob os altos desígnios de Deus o acto inaugural do nosso caminho de ferro, um direito que nos cabe!

Não sabemos, nem nos interessa, como possam ser recebidas as nossas palavras por uma pleiade — que em toda a parte existe — que tudo comenta, faz enada resolver. V. Ex.ª a virá a ter, essa pobre massa sem reflexo na vida normal de todos os dias da Nação.

Ao terminar, desejamos a V. Ex.ª neste novo e espinhoso cargo — que conhecemos bem de perto — as mais risonhas felicidades e a solução do problema capital e número um da nossa terra, a bem de todos e

A Bem do Concelho. Amadora, 22-11-1949.

Abel Varela e Seixas

Sonhos! os mais lindos tenho como as flores do mimoso jardim plantadas com labores por calejadas mãos! Isto é assim!! Agora, fogem de mim...

Tombadas cruelmente, no chão, fogem volucemente! As flores do jardim multicolor murcharam e o pobre deixam só a lutar co' o taró... todavia, meus sonhos na mente ficaram!

Em noite, fria e escura sem luar de inverno rigoroso com vento de rachar, eu, triste, pesaroso, principiei a sonhar.

Eu, muito novo ainda nessa idade tam linda que não pode esquecer, abalei té Lisboa, sem destinos... à toa, p'ra ganhar alguma c'roa...

Pouco me demorei por essas terras fora, embora, tivesse sorte de rei (?)

Pouco me demorei por essas terras fora, embora,

(Continua na 4.ª página)

## Rouças, 22

(Continuação da 2.ª pág.)

trafu o sacramento do matrimónio o nosso amigo sr. Alfredo Dominges, de Cavaleiros, com a prenada menina, Germana Alves, de Paçõ. O acto esteve muito concorrido.

— Tem estado doente a avó do sr. Abade de Fiães, que felizmente vai melhor.

— Para França partiu o nosso estimado assinante, sr. Justino Lourenço, que entre nós conta muitas simpatias. — C



## XXXVII-Castro Laboreiro

O FORAL DE D. MANUEL, II PARTE

Vamos ocupar-nos hoje da continuação do foral que D. Manuel I concedeu a Castro

Laboreiro. Como já disse, podemos considerar como segunda a parte deste documento em que são consignados privilégios e usos que não estavam escritos até então.

Em vários capítulos do texto registado na Torre do Tombo remete o leitor para o foral de Guimarães. Entre parêntesis apresento o texto daquele documento para ficarmos a conhecer na íntegra o foral de Castro Laboreiro.

Continuo a actualizar a ortografia:

«GADO DO VENTO. E levar-se-ão, porém, na dita terra outros direitos que achamos (?) pessoais, a saber: O gado do vento é direito real quando se perde, segundo nossas ordenações, contanto que ande um ano e dia em pregão, declarando sempre de que cor ou

slanaes são as animalas e com declaração etc. assim como em Guimarães ut supra (com declaração que a pessoa a cuja mão for ter o dito gado o venha inscrever até dez dias sob pena de lhe ser demandado de furto).

**PENA DE ARMA.** A pena de arma será, isso mesmo, do alcaide, da qual levará somente duzentos reis e as armas, com declaração etc. segundo Guimarães ut supra (com estas declarações, a saber: que a dita pena se não levará quando algumas pessoas empunharem espada ou qualquer outra arma sem a tirar; nem pagarão a dita pena aquelas pessoas que sem propósito e em rixa nova tomarem pau ou pedra, posto que com ela façam mal. E posto que de propósito tomem o dito pau ou pedra, se não fizerem mal com ele não pagarão a dita pena. Nem a pagarão moço de quinze anos para baixo, nem mulher de qualquer idade que seja; nem pagarão a dita pena aquelas pessoas que castigando a sua mulher e filhos e escravos e criados tirarem sangue; nem pagarão a dita pena quem, jogando punhadas sem armas, tirar sangue com bofetada e punhada. E as ditas penas e cada uma delas não pagarão, isso mesmo, quaisquer pessoas que em defendimento de seu corpo ou por apartar e estreimar outras pessoas em arrufo do tirarem armas, posto que com elas tirem sangue. Nem pagarão escravo de qualquer idade que seja que com pau

ou pedra tirar sangue). E não levará mais os mil e oitenta reis que até agora levava dos ouso e ferida de sobre olhos. E levará somente as penas sobreditas, porquanto não se achou fundamento para se poderem levar os ditos mil e oitenta reis.

**MANINHOS.** E dos maninhos se não levará nenhum direito, porque toda a terra é lsesentando dos moradores dela, pagando somente do que nela há o dizimo a Deus. E dos gados que vem pastar deste reino se não levará nenhum direito de montado.

E pastarão livremente segundo sempre pastaram. E quanto aos de Castela ou Galiza declaramos que aqueles lugares de Celanova ou Milmanda onde os portugueses pastavam de graça, por pastarem assim de graça na dita terra os galegos dela, mandamos que estes tais, se quiserem tornar à vizinhança em que dantes estavam, não paguem nada cá, fazendo-se sem malícia. E doutra maneira pagarão o que agora pagam, a saber: de um carneiro até dois, pelo gado muito ou pouco que cada pessoa particularmente meter, assim gado grande como pequeno, ou segundo em Galiza levarem dos montados aos portugueses.

**PORTAGEM.** E a portagem em todos os capítulos, geralmente até ao fim da pena do foral, em tudo é tal como Guimarães, tirando o capítulo da entrada e saída para Castela que este Castro Laboreiro leva assim como Melgaço, que Guimarães não tem por não ser estremo. Dada na nossa mul nobre e sempre leal cidade de Lisboa aos vinte dias do mês de Novembro. Ano do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo de mil quinhentos e treze. E vai escrito o original em dez folhas, subscripto e assinado pelo dito Fernão de Pina.

Para o próximo artigo ficam as portagens, cujo texto, um tanto extenso, temos de colher dos forais de Guimarães e Melgaço, como nos manda o registo da Torre do Tombo.

Em vários capítulos vemos citadas as Ordenações. Como já disse, D. Manuel reformou as Ordenações do Reino, que haviam sido compiladas no tempo de D. Afonso V. Na minha pequena biblioteca apenas se encontram as de D. Filipe, que são as de D. Manuel com pequenas alterações e número de leis posteriores. Aí encontramos no título 94 do livro 3.º a legislação relativa à arrecadação e arrematação de gado perdido, chamado gado de vento. Sobre penas de armas podem ver-se nas mesmas os títulos 36 e 80 do livro 5.º. Dos Alcaldes maiores, menores e das sacas, tratam os títulos 74, 75 e 76 do livro 1.º.

Ainda sobre maninhos ou baldios podemos ver no livro 1.º os títulos 66, n.º 26 e 58, n.º 46 sobre arborização, e no livro 4.º o título 43 que trata das *sesmarias* a que também podiam ser submetidos os baldios em certas condições. Oxalá que hoje, como então, se aproveitassem os baldios sem prejudicar o corte de matos e pasto de gados dos povos dos montes que dos montes vivem

BERNARDO PINTOR

Assinai  
e propagai«A Voz de  
Melgaço»

## Dois sonhos

(Continuação da 3.ª página)

tivesse sorte de rei (?)  
que governa hora a hora.  
Com medo da cadeia  
vou p'ra estação  
— que tal a minha ideia!... —  
e subo p'ro vagão  
que primeiro encontrei.  
Simulado entre a gente,  
assim, desta passei...  
...nunca mais me persente!

Foi-se o Sol... vem na Lua... torna-se ir...  
e o «bicho» sempre a andar.  
Eu, sentado num banco,  
vinha só a dormir.

Ao romper da manhã, linda manhã! chegou  
o comboio a Monsanto, onde, tristel parou.  
Apeei-me devagar...  
a mala fui pousar  
à estação...  
— A que horas parte o trem  
de Monsanto  
para Melgaço?!  
— Daqui por meia hora  
'stará pelo va!'

Já apitou o comboio.  
De dentro a contemplar  
paisagem de encantar,  
parecia  
de mania:  
(ail do «home»  
que por ideal não tome  
mania uma que seja!)  
longe a leira verdeja,  
perto o Rio  
canta como a avezinha  
em seu nio...

Depois de tanto suar  
no Peso quis 'stacionar  
p'ra beber  
uns tragos de água sagrada...  
e deixar  
grande número de aquistas...  
ou mimosear os turistas...  
que não quiserem demorar...

Dentro em poucos momentos chegou a Melgaço,  
onde parou de novo.  
Tinha de sair ali...  
Eh! tanta carga... povo...!

Ao saír  
C'uma dama vou chocar  
e ela, toda enraivecida:  
— Ai! que vida!  
se fosse assim o meu par...!

Noutra altura,  
espanquei um meu visinho  
gordo e de grande estatura.  
Qu'rendo fugir à prisão  
ah! então,  
fui 'sperar,  
o trem que estava a chegar...

Logo ao chegar o comboio  
subi para um vagão,  
que já não  
podia levar mais gente (...)  
tam descansado e contente  
nunca fiz  
pequena viagem que fosse!!  
Oh! Ilusão!... que feliz...!  
...vida doce!

Acordei. Já era dia.  
Eu próprio vou-me informar  
(quam grande minha alegria!)  
do que acabava de sonhar,  
mas qual não foi minha dor  
ao ver-me iludido,  
Senhor!?

Sentei-me à borda da estrada  
e chorei amargamente...  
por que, assim, abandonada  
deixais, Senhor, vossa gente?...  
Porventura não podeis  
recompensar vossa gente  
registando nos «papeis»  
com tinta do seu suor?!  
Prómetei, Senhor, ouvir  
a singela e humilde prece,  
que me quero despedir...!!!

Nós queremos...  
Já não sei,  
onde meu Senhor! viver!  
... Quem sabe? Melhor morrer?!...  
Não somos da mesma grei?...  
Um «Caminho de Ferro», por favor,  
— de Ferro... —  
dai-nos, Senhor !!!...

Melgaço, 8-2-1949

José Gigante

# A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:  
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga  
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:  
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00  
ANO III

MELGAÇO, 15 de Março de 1949

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
No 21

## Serviços Florestais Cartas de longe

Já há bastante tempo que andamos a procurar um momento a fim de nos referirmos propositadamente aos Serviços Florestais. Não queremos discutir a sua necessidade ou utilidade, como não pretendemos a censura aos serviços técnicos.

Desejamos somente responsabilizar os culpados, os responsáveis, pela má vontade que existe no nosso povo contra esses serviços. Só com este intuito e para chamar a atenção de quem de direito é que escrevemos estas linhas.

Vamos ao assunto.

Quando em princípios de Outubro do ano passado desce de Castro Laboreiro, de uma caçada, os amigos da digressão cinegética informaram-me do descontentamento da gente da serra contra os serviços florestais.

— Mas porque essa má vontade?

— A má vontade não é contra os serviços, é contra a maneira como os executam.

— Mas como se pode demonstrar isso?

— É um bom Amigo disse: há na Câmara um documento assinado pelas juntas das freguesias da serra e por responsáveis dos Serviços Florestais, no qual se diz que se faça o povoamento sem prejudicar os habitantes.

— É como se há-de fazer dessa maneira a arborização das serras?

— Por zonas. Era isto o

que pedia a nossa gente. Que os trabalhos decorressem de tal maneira que nunca faltassem as pastagens ao gado e que se não forçassem

(Continua na 4.ª página)

## OLHANDO O MUNDO

Ultimamente o mundo gira em volta das chances diplomáticas com mais intensidade, e sem descanso. O Oriente e o Ocidente separam-se cada vez mais. Ante a invasão de Moscovo sobre as nações europeias quer dominando-as quer inspirando as quintas colunas comunistas nas diversas nações, as democracias reagiram eficazmente. Sintoma desta reacção é o Pacto do Atlântico, ideia feliz dos Estados Unidos.

## Presidência da Câmara

Foi adiada para outra data a posse dos novos Presidente e Vice-Presidente da Câmara de Melgaço, cremos que para o dia 21.

No passado número, já não pudemos rectificar a tempo a notícia, do que pedimos desculpa aos nossos presados leitores.

PANASQUEIRA, 8—A quatro quilómetros das Minas, aproximadamente, fica a aldeia de Cebola. Para a contemplar de lon-

ge, ou mesmo da Panasqueira, o viajante ver-se-á obrigado a subir a um dos pontos mais altos, ou a apurar-se num destes montes de pedra e areia, arrancadas ao ventre da serra e procurar, como quem procura algum que se escondeu, tão oculta e recatada se encontra, ao fundo do vale, a dois passos da Portela de Unhais, mesmo no sopé do monte do Picôto, um dos numerosos contrafortes da Estrela. Dir-se-á que procurou aquele refúgio, perdido e ignorado se escondeu ali para ocultar a sua miséria, a sua pobreza antiga. Nesse tempo, vestia o manto negro da melancolia, da tristeza, a lousa a cobrir o tecto da casa humilde e sem conforto, onde não alvejava mão de cal, e, como viúva inconsolável, carpia o seu fadário. Mas hoje, é outra. As minas imprimiram-lhe feição nova, deram rumo novo à sua história. Por milagre desta pedra negra, que tem o condão de tornar as cousas brancas, transformou-se, fez-se mais jovem. Vestiu o traje de festa, enfeitou-se e pintou-se como raia casadoira e é uma tentação vê-la assim de longe, a alvejar a sorrir para o visitante.

1) a Europa começou a reconstruir-se economicamente, mediante os empréstimos do plano Marshall e desta maneira a fortalecer-se.

2) creou-se a defesa do Ocidente nas reuniões de Bruxelas entre a Inglaterra, a França, os Estados Unidos, a Bélgica, a Holanda e o Luxemburgo

3) fez-se uma defesa mais eficiente com o Pacto do Atlântico.

Conforme disse Acheson, que é o Sub-Secretário dos Estrangeiros dos Estados Unidos, as nações ligam-se numa defesa comum, e são cuidadas todas as nações com interesses no Oceano Atlântico. A união de todas estas nações tem como finalidade a defesa de todos e de cada um, em caso de agressão.

A Rússia não gostou disto, pois era a atingida,

(Continua na 4.ª página)

de perto, pois é fácil o per curso. Actualmente há uma estrada, mas em tempos, que não vão longe, o traço de união entre as minas e a aldeia era uma vereda «íngreme, delineada, ao acaso, serpenteando, através da encosta, e o serrano ainda, hoje, calcurriava a mesma senda brava, se não fôsse o minério. Quando o fulgor da civilização começou a oferecer-lhe os olhos, ele acordou de um sono longo e profundo; como a criança que sorri aos primeiros raios do sol, sorriu também, para nova aurora e, esfregando as mãos, disse, fazendo consigo: «Nos quocês»...

Nós também somos gente! E vá de meter-se à obra. O governo não daria auxílio e, por conseguinte sem receio atirou-se à empresa, abrindo o Caminho, pelas próprias mãos. Agora, ufano pode orgulhar-se de ter uma estrada e Carreira de Caminhetas, três dias na semana. Durante a viagem, não é raro encontrar um ou mais grupos de Melgacenses que voltam carregados de viveres, não faltando o garraão de Vinho. Para eles, Cebola é o melhor mercado. Poderemos, ainda observar melhor a serra, que desce abrupta onde as águas da chuva, com o tempo,

(Continua na 3.ª página)

## Meditações da quaresma...

FATAL DESENLACE

Naquela manhã, ao sair do baile, a flamante marquesinha de Penhadoura e baroneza de Monteardoim—vinte e cinco floridas primaveras e um mundo risonho de esperanças—sentiu-se repentinamente mal. A tiritar de frio dos pés à cabeça, deixou-se cair pesadamente no sofá do automóvel.

—Jaime —exclamou com voz lânguida e apagada—estou mal!

—Pois, menina, não perco: dansaste bestialmente, que nem um pião, desde que principiou o baile até ao fim, tanto que todo o mundo me dava os parabéns:—que depressa melhorou tua mulher depois da operação! Deixa a perder de vista todas as bailarinas!

—Sim, mas sinto-me mal... Estou gelada!

Ele chegou-a para si e tomou-lhe as mãos enlucadas entre as suas.

—Tenho frio —repetia ela, rangendo os dentes—estou fria até à medula dos ossos.

—Também... que ideia a tua de ir ao baile aos quinze dias depois da operação! Eu bem te disse.

—Sim, mas aquela linhareira da Laly dedicou-se a lançar aos quatro ventos que a operação me

ia pôr num farrapo, e era necessário desmentir-la.

—Mas devias lembrar-te que estavas ainda convalescente...

Não respondeu. Os lábios puseram-se-lhe brancos como as peles do agasalho, e encolhida, aconchegando-se entre o marido e o acolchoado do carro, não cessa de murmurar:—Meu Deus que frio! Que frio tão grande!

E a tal ponto chegou o frio da marquiza naquela manhã, que morreu antes de chegar ao seu hotel.

... E em trage de baile... compareceu diante de S. Pedro introdutor dos bem-aventurados na corte celestial.

ÀS PORTAS —Senhor DA GLÓRIA S. Pedro...

Eu sou a marquesa de Penhadoura da, baroneza...

—Como? como? Baroneza tu? Nome curioso, filha! Mas para aqui pouco importa o nome. Que é que te traz para estas alturas?

(Continua na 3.ª página)

# PELA NOSSA TERRA...

## DA VILA E ALDEIAS

### PELA VILA E CONCELHO

10-3 949

Após mais de dois meses de rigorosa estiagem, chegou finalmente a tão almejada chuvinha que muito veio alegrar os nossos agricultores.

— Para a pesca também o tempo não tem corrido nada favorável. Como dissemos em a nossa última crónica, o rio leva um caudal muito reduzido, pelo que a pesca de lampreias e sáveis tem sido precária. As primeiras tem-se vendido ao preço de 20\$00 cada e os segundos a 9 e a 10\$00 o quilo. Não nos consta que tenham aparecido salmões.

— A seu pedido, foi transferido para a Secção da Guarda Fiscal de Lindoso o nosso prezado amigo sr. José de Jesus Novais, muito digno 2.º sargento da referida guarda. Foi substituído pelo sr. sargento Abel Costa que transitou da referida Secção de Lindoso.

Também a seu pedido, foi transferido no pretérito dia 6, para o tribunal da comarca dos Arcos de Valdevez, o nosso estimado amigo sr. João Afonso, que durante 22 anos exerceu com muito brilho o cargo de escrivão de direito no Tribunal da nossa Comarca.

Para seu substituto são indigitados vários candidatos, entre os quais o sr. Arsénio Gomes Pinheiro, filho querido do nosso estimado amigo e assinante sr. Herculano Gomes Pinheiro.

A todos «A Voz de Melgaço» envia sinceros cumprimentos e calorosos votos de felicidade.

— Há já uma boa temporada que se vem tendo a escassês de peixe fresco no nosso meio, cuja falta, dada a quadra que estamos atravessando, causa grandes transtornos.

As sardinhas, que eram o pão dos pobres, não exageramos se dissermos que nos não rendem visita mais de uma dúzia de vezes ao ano.

A ganância das exportações...

— A nossa última crónica — talvez por motivos das festas de Dionísios — além de um certo período que se acha descaradamente deslocado, safu com várias gralhas, que por serem numerosas não vamos agora mencioná-las todas; no entanto urge emendar o preço da batata de semente que não é a 2\$00 o quilo como por lapso se publicou, mas, sim, a 4\$00.

— A propósito de batatas. Lembra-se os leitores de as termos achado caras a 2\$00 o quilo?

Pois agora, por ironia, já se vendem a 2\$30 e 2\$50 o quilo...

Senhor! Para onde vamos!...

— Vimos, de fugida, num dos dias da semana finda, nesta vila, o nosso querido amigo e consagrado colaborador sr. Bernardo Pintor, a quem enviámos respeitosos cumprimentos e votos de muito boa saúde.

— No dia 26 do mes findo, deu a luz uma robusta creança do sexo feminino, a sr.a D. Maria Amélia de Almeida, esposa muito querida do nosso particular amigo sr. Jaime Lopes Salgado, guarda-rios.

Tanto a mãe como a neofita estão bem.

— Também no pretérito dia 28, se realizou na Matriz desta vila o casamento da sr.a Ema Rosa Serandão com o sr. António Melo.

Foram padrinhos o talentoso advogado sr. dr. Artur Anselmo e sua Ex.ma Esposa, sr. D. Maria Alberta Pereira de Castro.

Aos recém-casados desejamos um lar muito venturoso.

— No «Salão Pelicano» realizou-se, no passado dia 1, terça-feira de Carnaval, uma interessante festa infantil que decorreu com muito brilho e animação.

O producto desta festa reverteu em benefício da

residência paroquial desta vila.

— Por último, lembramos a conveniência de se vacinarem nesta época as cabras, ovelhas, bovídeos e solípedes contra o carbunculo (baceira) e os porcos contra as doenças rubras.

Devem também cair-se o interior das capoeiras afim de as desinfectar.

Lembramos ainda que se devem ultimar as enxertias e acabar com a plantação de barbados. Vão preparando as enxofradeiras.

### S. Paio, 8

Realiza-se brevemente o enlace matrimonial da gentil menina Rosa de Freitas, das Cabencas, com o sr. Aníbal Gonçalves, de Loviô. Aos noivos desejamos perene lua de mel.

Já se acha restabelecido o rev. pároco desta freguesia.

— Com grande concorrência de cristãos, começou, nas capelas do Baral, S. André e Carpinteiro, a devoção do santo rosário, que é tradicional nesta freguesia.

— Partiu para Lisboa José Figueiredo, do Pombal.

Felicidades lhe desejamos.

— Começou a cair alguma chuvinha que muito bem faz à agricultura.

— O carnaval mal se conheceu nesta freguesia. Parece que vai passar ao esquecimento.—C.

### Rouças, 10

Cairam já as primeiras chuvas, que todos ansiosamente esperávamos. No Pernidelo, viram-se os altos cobertos de neve.

— Os lavradores continuam as atadas e já deitaram à terra as primeiras sementeiras de batatas.

— Fazem-se os primeiros preparativos para a sementeira de milho.

— Em Fiães faleceu a sr.a Rosa Vaz, do lugar do Faval, tia do nosso rev. pároco e sogra do nosso estimado assinante Luís Manuel Domingues.

— Encontram-se grave-

### Uma riqueza

### que desaparece...

Temos de soltar nestas celunas do nosso jornal e desde já, um grito de alarme.

O que está a passar se nos nossos montes, nas tapadas particulares, por esse concelho acima, é alarmante.

E a nova estrada que vai até Castro, agravou consideravelmente esta delicada questão.

Se continuarmos com este entusiasmo apaixonante de cortar árvores, para vender, receamos que dentro em pouco, não tenhamos sequer lenha, para os nossos lumes.

Castanheiros (parece que vão na última...) carvalhos, pinheiros, «vidos», etc, são transportados sucessivamente, por essa estrada fora a caminho de outras terras.

Não temos que ver com a vida particular de ninguém. Confessamos a té que nos merece o maior respeito a direcção que cada qual imprime aos seus haveres.

Mas sempre desejamos fazer uma pergunta, muito séria: Não estaremos a aniquilar totalmente a nossa riqueza florestal?

A continuarmos assim, dentro de poucos anos, muitos terão de ir roubar lenha e muitíssimos nada

mente doentes as Sr.as Maria Esteves, do lugar dos Carvalhos e a esposa do Sr. Duarte, de Oleiros

— No Carnaval, os rapazes da freguesia fizeram três lindas festas no salão paroquial, que foram muito concorridas e animadas.

— Foram a enterrar nesta passada quinzena os Srs. João Lourenço, casado, do lugar da Costinha, o Sr. José Domingues, dos Pêrses e a Sr.a Delfina Vaz, de Loviô.

— No dia 27 de Fevereiro, foram baptizadas três crianças, sendo uma filha de José Abílio da Costa e de Maria Rosa Domingues, dos Colmeiros.

— Amanhã é o aniversário das almas nesta freguesia, seguindo-se assim a costumada tradição.

terão que deitar ao lume.

Paremos um pouco, se ainda é possível, com essas machadas com as serras, e os carros, que até parece chorarem por esses caminhos abaixo e consideremos!

Antes — se é possível, poupeemos um pouco mais o desgaste das nossas árvores!

E vamos plantando, tenhamos o gosto de ir plantando o mais que pudermos.

Não temos ainda aquela assistência que precisavamos, para a cultura das nossas propriedades.

Como o médico da Câmara, o veterinário, etc., etc., faz-nos muita falta o engenheiro agrônomo, com os regentes agrícolas, que a expensas da Câmara ou Grémio nos ajudassem, em todos os problemas da nossa terra.

O Estado tem montados certos serviços de utilidade rural, o repovoamento dos nossos rios, por exemplo.

Sabe-se que os rios do país são frequentemente repovoados com novas e abundantes espécies.

Mas os serviços agrícolas não tem ainda assistência precisa. Esperemos que ela chegará um dia.

O que por agora urge, é considerarmos muito a sério este problema do desgaste quase maciço das nossas árvores.

E sobretudo, senhores, plantemos.

Prados, montes sem árvores, são um pobre e triste sinal de abandono dos seus proprietários.

Afíca o nosso grito de de alarme!

Assina!

e propague!

«A Voz de Melgaço»

# Cartas de longe DO ALTO DO PERNIDELO

## O Manuel Félix Igrejas

(Continuação da 1.ª pág.)

abriram pequenos correios, secos a maior parte do ano. Em baixo a insigificante ribeira de Cebola desliza suavemente entre grevas exiguas de terra fecunda tornada boa e produtiva pelo esforço do lavrador humilde. Entretanto, aparecem as primeiras casas da freguesia na margem direita do rio, construídas no perfido aureo do volfrâmio. Casas airozas, bonitas.

Com o aspecto insolente dos novos ricos. Cebola está em frente muito unida, aconchegada, como rebanho de ovelhas mansas, acotadas pelo frio. Vendo a tão risonha e hospitaleira as casas brancas e a telha nova a luzir ao longe, um artista gostaria de pintá-la. Ela própria é uma aguarela de luz e cor, um quadro rústico, cheio de beleza, que pintor desconhecido, ali, deixou e nós desejariamos poder transportar para nossa casa.

Os edificios apoiam-se uns nos outros. Assim colados, monte acima, parecem que uns tem outros sobre as costas, ou no regaço, e os telhados formam, em sequência, largo e comprido escadório.

Num destes dias de sol

de inverno, gostaria de possuir a agilidade dum gato, trepar ao alto e repousar, num desleixo de felino, aproveitando os últimos raios de sol, ou, então, passar de casa para casa, saltar as ruas, tão estreitas elas são, subir e descer, como quem sobe e desce umas escadas, sem cair lá, em baixo, nas pedras da calçada, porque Cebola é asseada e limpa no exterior. Alguém pode afirmar com razão, que noutros tempos, lutou com falta de espaço.

Foi como se rei ou senhor, traçando lhe os limites, dissesse: *Daqui não passaráis.* Começou então, a empurrar-se, a acotovelar-se, ficando amachucada. Até o Cemitério, que não é, morada de vivos, mas de mortos, não fugiu à lei severa.

Lá está, junto às casas, sem forma geométrica definida, um muro tóxico a fechar o chão sagrado e ainda mais tóxico e miserável porta de madeira a ueear a entrada. Com o novo, construído, mais ao largo, deixou se de enterrar aqui e agora as ervas e plantas inúteis crescem em liberdade, por entre as cruzes podres de madeira.

Aqui jaz Cebola antiga, Cebola pobre e mesquinha, aquela que não conheceu,

nem sentiu a febre, a tória do ouro negro.

Mas eu tinha prometido não revelar os segredos desta aldeia, para não desfazer o encanto da visão estranha e, contudo, faltei ao que prometi.

Para ser leal, terei de dizer tudo, Cebola, por dentro, imunda e miserável.

As ruas apertadas, quase não vêem o sol e o torateiro, a primeira vez, julgar-se-á numa galeria escura, num subterrâneo onde o ar é impuro e até parece faltar.

Não é aqui, em minha opinião onde se deve procurar o português genuíno descendente do lusitano antigo, que, segundo Oliveira Martins, habita ainda, a região dos Herminhos. São homens de estatura mediana e robustez muito duvidosa o que em parte se explica pelo trabalho das minas.

Apesar de tudo Cebola há de progredir e modernizar-se. Eles esperam que uma estrada, partindo da Covilhã, a unir outros povos mais distantes, passará por aqui e novas perspectivas surgirão. Entretanto contentamo-nos com isto não deixando de assinalar que, para já, do que mais precisa é de lavar-se.

Augusto Domingues

Eu já ouvira, a várias pessoas, fazer calorosas referências ao Manuel Félix Igrejas, como exímio artista de desenho que tudo pintava como ninguém etc. e tal.

Como sou um nada adepto do apóstolo S. Tomé, dizia de mim para comigo: deve tratar-se, talvez, de algum habilidoso; na terra dos cegos quem tem um olho é rei.

Mais tarde vejo o seu elogio estampado no semanário local. O que até ali era apenas público passou a ser também notório. Ainda desta vez, com uma pontinha de ceptismo, fui segredando aos queridos boões: não deve tratar-se de um habilidoso, mas, muito provavelmente, de um amador, e como na terra dos cegos quem tem dois olhos é imperador, daí o chamarem lhe artista ao amigo Igrejas. Como o não conhecia, nem tão pouco os seus trabalhos, não fiz quaisquer comentários.

Passaram-se meses. Há pouco mais de um ano, quiz o acaso que precisasse fazer um estudo sobre as pedras de armas do «Solar do Pombal» e também, sobre a fonte de S. João dos Castros de Galvão.

Como o meu estado

abalado de saúde me não permitisse desempenhar dessa tarefa, lembrei-me do Manuel Igrejas e pedi-lhe o favor de me fazer uns «crôquis» dos referidos brasões e fontenário.

O Manuel Igrejas, rapaz modestíssimo e dotado de invejável delicadeza, pronta e amavelmente se comprometeu em satisfazer o meu pedido.

Passou, porém, um mês, dois meses, três meses... nada. Já não pensei mais no assunto, supondo muito naturalmente que o Manuel Igrejas não se achava com a coragem suficiente de me apresentar os seus labores, de cuja fama eu tinha já cheios ambos os ouvidos.

Todavia, ao cabo de uns seis meses, quando já não pensava mais no assunto, como disse, eis que me surge o amigo Igrejas com a encomenda ao mesmo tempo que, delicadamente, se desfia em desculpas, alegando que lhe não fora possível tratar do meu pedido há mais tempo, por razões de «flirt», segundo me disse.

Agora o trabalhinho?...

Oh! meus amigos!... Eu não sou crítico porque nada pesco do assunto, mas julgo que me assiste o sacrossanto direito de

(Continua na 4.ª página)

## Meditações da quaresma...

(Continuação da 1.ª pág.)

—É simples, quero dizer, terrível: morri de repente agora, ainda que não sem fazer um acto de perfeita contrição... Espere, portanto, que me deixe entrar. Eu bem sei que não devia ter ido ao baile; mas as exigências sociais... E em todo o caso, repito, fiz um acto de perfeita contrição.

—E tem a certeza, senhora baroneza, de que a sua contrição foi perfeita?

—Oh! se foi! apertei tanto as mãos, que até os anéis se me enterraram na carne...

—E uma prova... Que prova?...

—Meu Deus! que confessor tão rígido deve ter sido!... Bem se vê que nunca teve de assistir a estes bailes da sociedade. — Não me fizeram falta, nem a si lhe teriam feito!

—Está bem, mas para o inferno... nem sonhar, hein?!

— Isso veremos.

— Veremos?! Então eu que dei o nome a um rór de obras de beneficência; figurei numa infinidade de congregações; dansei tanto em benefício dos pobres; não perdi um sermão do Padre Villiger... Não tem ouvido falar deste padre?

— ?!

— Não?... Como andam por aqui atrasados em notícias! Pois, senhor S. Pedro, o Padre Villiger é o melhor do melhor que há em questão de pregação moderna! Se o ouvisse falar do murmúrio dos arrojais, do cintilar das estrelas, da louçania dos prados, do revêrbero dos astros, da linguagem das flores... É um encanto!

EXAME ENQUANTO ASSIM DAS CONTAS DISCORRIA

a nossa marquezia em entusiásticos ditirambos sobre a evangélica pregação do Padre Villiger, S. Pedro examinava as contas da nova visitante.

—E então?—perguntou um pouco enfiada.

—Que vai ser difícil entrar, porque a sua conta não acaba de se equilibrar.

—Possível?

—Que idade tem?

Vacilou um pouco a marqueza. No mundo não se faziam tais perguntas. Era evidente que S. Pedro nunca fora homem de sociedade, nem culto. Mas enfim, sempre respondeu:

—Vinte e cinco anos!

—Vinte e cinco anos! São portanto dezessete de responsabilidades. P o i s digo-lhe a respeito: as suas contas estão desequilibradas.

—Mas têm de se equilibrar. Lá no mundo eu passava por ser um baú de devoções.

— Não se trata de baús, senhora...

— Senhora marquezia.

— Sim, marquezia ou baroneza, ou o que quiser.

O caso é que as contas não se equilibram.

— Que cegueira! Até meu primo me repetia a cada passo: «Querida, tu devias era ter entrado para um convento.»

— Tudo isso, senhora, digo, baroneza de Monteardoim. Mas eu aqui leio...

— Vamos lá a ver: que lê?

— Capítulo de boas obras: 2.698 pesetas em esmolmas... feitas sabe Deus com que fim...

— É, não é, uma bonita soma nos tempos que correm?

— E ainda as há mais bonitas: 7.900 em chapéus; 30.600 em vestidos da última moda; 41.000 em viagens de recreio; 1.000 em romances e figurinos, nada edificantes; 15.000 em cosméticos e pinturas; 1.000.204 em inutilidades várias...

— Em vinte e cinco anos acha muito? E o meu padre espiritual, que é uma inteligência, creia, nunca me falou em semelhantes coisas.

— Coitado! pelo grande caso que fazia dele! Moda, luxo, como outros...

— Parece-lhe então que devo esperar?!

— Tempos infinitos. Mas — prosseguiu o celestial porteiro, todo bondade e ternura apesar de sua apa-

rente rudeza — hoje é o seu enterro. Há de haver muita gente a orar por si.

— Isso sim! — exclamou ela chorando — Pelo contrário... Deitam luto, contam o que deixei; meu marido trata de casar segunda vez, ouvir musica... Enfim, Deus me perdoe; como eu fazia. Sabe se me dirão ao menos uma missa?

— Hum! Creio que não. O enterro é às 15 horas.

— Bem me parecia. As 12, transtornava-lhes o almoço.

Eão teve tempo para mais. Chegou-lhe a vez. A tremer e com um frio que se não compara ao de depois do baile, foi levada a juízo diante de Deus, enquanto S. Pedro repetia grave, ao fechar o livro, a sentença que muitas vezes ouvira ao Divino Mestre:

*Se não fizerdes penitência todos perecereis.*

(Da revista espanhola «San António de Padua» de Novembro de 1948).

Trad. P. A. S. o. f. m.

## Serviços Florestais

Continuação da 1.ª página

as multas. Assim far-se-ia o trabalho, atendendo, sempre, as necessidades das freguesias.

\* \* \*

A distância a que nos encontramos da nossa terra impede-nos de verificar:

- 1) Se o tal documento existe.
- 2) Qual o texto exacto do mesmo.
- 3) até que ponto os dirigentes dos serviços Florestais desrespeitaram esse documento.
- 4) qual a posição da nossa Câmara em face do documento e dos acontecimentos.

Esperamos fazê-lo um dia, se Deus quiser, a fim de que a nossa gente saiba de que aqui estamos para os defender.

\* \* \*

Estivemos há pouco em Vila Nova de Cerveira, onde o Presidente da Câmara se bateu galhardamente, em bora noutras circunstâncias, com os Serviços Florestais a fim de que os direitos do povo fossem respeitados. E foram. Não sabemos do que se haja passado na nossa terra neste sentido.

Julgamos que é ainda momento, embora tardio, de actuar, porque as pastagens vão diminuindo, as multas aplicam-se, o povo queixa-se. E ninguém procura resolver o problema?

Se há esse documento (?) na Câmara esta tem obrigação de o fazer executar; se o não há, tem de se esforçar porque se atinjam os altos fins dos serviços Florestais sem a má vontade justificada dos habitantes das freguesias.

O Município tem o dever sagrado de zelar os interesses dos seus habitantes.

JÚLIO VAZ

**Vende-se** a quinta das Carvalheiras, nos limites da Portela do Couto, da freguesia de Chaviães, com casa de Morada à margem da Estrada, pertencente a Vitalina Augusta Marinho, residente em Lisboa; Quem a pertender, fale a Liceu C. Marinho, no Lugar da Igreja, da mesma freguesia.



## XXXVIII Vila de Melgaço

UM ALVITRE

Foi em 10 de Março deste ano. De passagem na vila de Melgaço fui ao Café Hilário com outro padre meu amigo. Enquanto tomávamos o nosso café e trocávamos várias impressões, ia observando o que se passava, para aproveitar o tempo em duplicado. Ali próximo, em outra mesa, dois cavalheiros de idade para cá dos «entas» aproveitavam também o tempo em animada conversa. Não pensem os leitores que discutiam política, não. Era de mais interesse o assunto. Discutiam palavras do idioma pátrio, o melhor modo de falar. O tema que se ventilava era este: deva dizer-se *fluorescente* ou *flourescente*? Achei acertado aproveitar assim o tempo do café. Se estivesse mais junto também pederia licença para dizer de minha justiça.

No meio disto eis que a minha atenção é desviada para outro facto menos interessante. Frente à porta da rua passa um menino bonito que pretende, por certo, ganhar fóros de engraçado. A ragem de finia a caruagem. «Perdi uma corca», disse o cavalheiro a quem os anos já fazem peso nas costas que não na cabeça. Eu segredel aos meus botões: «aquele homem não perde corra» por... não encontrar desamparadas, o que por certo perdeu foi a educação que a mãe lhe deu, sendo de lamentar que não tivesse pai.

O respeito pelo nosso semelhante não é jola de toda a gente e o cavalheiro pouco engraçado não sabe talvez que Melgaço é terra de *lousados Cambrones*...

Depois destas duas notas, harmoniosa uma, desafinada a outra, saí do café e estendi a vista pela praça larga onde numa manifestação de fé inquecível se concentrou o povo da nossa terra no Congresso Eucarístico Regional em 1 de Junho de 1947.

Ao fundo sobressal do pavimento uma construção que não sei como chamar lhe. Salvo erro, ouvi dizer em tempos que era para um coreto da música, de um para que o achei pequeno. Lá diz o velho ditado: quem fez a casa na praça a muito se aventurou, uns dizem que ficou baixa, outros que de alta passou.

Dal a momentos, de passagem para Chaviães admirei S. Julião o velho cruzeiro.

Já me tinha constado que esse cruzeiro era antigamente da vila onde deu muito que falar, segundo apontamentos que extraí de fontes fidedignas.

De volta à vila procurei o Sr. Dr. Augusto Esteves, que me honra com suas atenções, pessoa dotada de laços conhecimentos históricos e depositar a de curiosas investigações pessoais que se conservam inéditas.

Falei a S. Exa no cruzeiro de São Julião, que me constava ser um que em tempos esteve na vila onde teve sua

história accidentada. Manifestou a opinião de que tenha sido, talvez, o antigo pelourinho, em que se amarravam os condenados a açoutes públicos. De facto o cruzeiro que está em S. Julião era o cruzeiro da Vila.

Nossos antepassados legaram-nos, juntamente com as Igrejas, cruzeiros onde as procissões vão dar volta em dias de solenidade. Não só as grandes Igrejas mas até as humildes capelas e ermidas têm o seu cruzeiro.

O cruzeiro de São Julião era o cruzeiro da Matriz e por isso não fica bem que esteja lá fora da Vila como que desterrado da povoação, embora não de todo abandonado.

Esse cruzeiro, relictua do passado, monumento digno do nosso respeito e veneração, ainda além de um símbolo iconográfico da Religião Cristã que herdamos de nossos maiores, deve, a meu ver voltar para dentro da Vila e ocupar afim um lugar de honra e destaque em qualquer praça pública.

E se o colocassem sobre a tal construção que dizem ser para coreto da música?

Não acham que era. de um efeito magestoso. ali próximo da Matriz de que dependeu em tempos lidos, a dominar a praça central da nossa Vila?

Até lhes digo que se um dia voltasse o uso do pelourinho poderíamos lá pôr em dia de feira os que perderam a corra a ver se ganhavam vergonha e respeito. Cristo, pendente da Cruz da Redenção, lançaria um olhar de misericórdia sobre os novos companheiros como no Calvario prometeu o Paraíso àquele que lhe pediu se lembrasse dele no seu Reino.

BERNARDO PINTOR

P. S. — Estava prometido para este artigo a transcrição das *portagens* do foral de Castro Laboreiro, iguais às de Guimarães com mais um capítulo de Melgaço. Para não repetir o mesmo assunto, daqui por algum tempo teremos ocasião de ver o foral de Melgaço completo, com as mesmas *portagens* de Guimarães, mais o capítulo especial de Melgaço e Castro Laboreiro.

B. P.

**Loduvina Martins**  
Dentista

Consultas em Monção, todas as Sextas e Sábados.

## OLHANDO O MUNDO

(Continuação da 1.ª pág.)

como já não gostara do plano Marshall. É que a fome e a falta de força para resistir são os melhores meios para a revolução comunista. E começaram, os comunistas, uma campanha contra as nações que se interessaram pelo Pacto do Atlântico.

O primeiro sinal foi a proposta à Noruega de um pacto de não agressão. A Noruega preferiu unir-se às nações do Pacto do Atlântico. A Rússia levou uma bofetada.

Depois o Sr. Thorez, chefe comunista da França, disse que se os russos entrassem na França os comunistas estariam com eles. O mesmo disseram os comunistas da Itália, Bélgica, Inglaterra e Estados Unidos. Isto provocou tremenda réplica dos Governos e os comunistas não a levaram a melhor.

Entretanto Molotov, Ministro dos Estrangeiros da Rússia, e o Ministro do Comércio Externo foram substituídos nos seus lugares e foram nomeados vice-presidentes do Governo.

Na Itália, os socialistas e comunistas iniciaram uma campanha contra o Governo, porque quer aceitar o Pacto do Atlântico.

Tudo isto — esta manobra dos comunistas — prova que os comunistas recebem a união das nações no Pacto do Atlântico.

Desde há uns tempos que a Rússia está a perder terreno:

1) as nações democráticas têm feito uma barreira a Moscovo na sua expansão para o Ocidente

2) as nações, dominadas pela Rússia, em especial, a Hungria, Polónia, Roménia e Checoslováquia, reagem fortemente contra os ocupantes.

3) o mundo civilizado revoltou-se por causa das condenações injustas e dos crimes que lá se praticam

4) o mundo católico está indignado como os maus tratos à Igreja, aos padres, aos bispos e religiosos, e, sobretudo, com o degredo de tantos católicos e a condenação do Cardeal Primaz da Hungria, e do Arcebispo de Zagreb, na Jugoslávia.

O Mundo que se presa está contra a Rússia e esta já entrou no seu declínio.

## Aos nossos assinantes

Foram enviados recibos de cobrança a pessoas amigas, de cada uma das freguesias do nosso concelho pedindo-lhes o favor de nos fazerem a cobrança.

Pedimos a todos os nossos assinantes que se dignem pagar, sem demora, as suas assinaturas, a fim de podermos ter, sempre em dia os nossos serviços.

A todos os assinantes fazemos um pedido: não retardem o pagamento de suas assinaturas.

\* \* \*

Há alguns assinantes que ainda devem o ano de 1947. A cobrança que enviamos refere-se, apenas ao ano de 1948.

\* \* \*

Pedimos aos assinantes de fora do Concelho que se dignem satisfazer também as suas assinaturas.

Vamos por as nossas contas em dia.

## Do alto do Pernidelo

(Continuação da 3.ª pág.)

dizer da minha opinião.

A perspectiva, os sombreados tão bem disfarçados, a minuciosidade de detalhes, que uma objectiva por certo não focava melhor, tudo com tanta graça e vivacidade que eu logo me convenci estar na presença não dum habilitado nem dum amador, mas sim dum artista, um verdadeiro artista que, neste meio, se está a perder, devido à indiferença daqueles que, podendo, o não protegem.

Há em Lisboa um Instituto de Orientação Profissional. Creio chamar-se assim a uma escola que é destinada a orientar a vocação dos alunos. Pois bem, era preciso que aqueles melgacenses que possuem algo do superfluo — e há tantos nestas condições em Melgaço — se unissem e tomassem o Manuel Felix Igrejas, sob a sua protecção mandando-o cursar esse Instituto onde, estou mais que certo, havia de triunfar com brilho, tornando-se, em pouco tempo, tão célebre como Columbano, Malhoa ou Soares dos Reis, para glória e honra da nossa querida terra — Melgaço.

Vocação não lhe falta, falta-lhe apenas amparo material,

Mário